

CULTURA DE SEGURANÇA DO PACIENTE ENTRE OS DOCENTES DE ENFERMAGEM

LAURA SKOLAUDE KELLING¹; ANA PAULA MOUSINHO TAVARES²

¹Universidade Federal de Pelotas – laura.skelling@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anapaulamousinho09@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A segurança do paciente é definida como a redução do risco de dano desnecessário ao paciente associado ao cuidado em saúde (BRASIL, 2013). No Brasil, a portaria MS/GM nº 529 de 1 de abril de 2013 do Ministério da Saúde (MS) instituiu o Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP), visando a qualificação do cuidado em todas as instituições de saúde brasileira, pública ou privada (BRASIL, 2013). Nesta perspectiva, uma estratégia para mitigação dos erros médicos é a promoção da cultura de segurança do paciente em instituições de saúde.

A cultura de segurança do paciente no âmbito da saúde é o resultado do conjunto de valores, percepções e atitudes individuais e grupais que determinam o padrão comportamental e a responsabilização institucional com a gestão e segurança, objetivando mitigação de riscos em saúde por intermédio da comunicação aberta e repúdio a culpabilização, responsabilização individual e punição (ROCHA et al., 2021).

A enfermagem é uma classe trabalhadora atuante na sistematização, em cuidados prolongados, na assistência direta e na liderança de equipe (NORA et al., 2022). Desta forma, a maneira como os enfermeiros foram instruídos e os exemplos que tiveram durante sua formação refletem na sua visão sobre o cuidado e em condutas interpessoais ou institucionais (ILHA et al., 2016).

Por tanto, a cultura prevalente entre estes profissionais, essencial para práticas assertivas na segurança em saúde, advém da formação acadêmica, quando o caráter e o perfil profissional estão sendo moldados pelas vivências e sistemática da instituição de ensino (ILHA et al., 2016). Nesta direção, o docente representa um canal essencial de intermediação entre a tecnologia, a informação e o aluno, na função primordial de problematizar, esclarecer e revelar conhecimentos teóricos e práticos aos alunos (GOMES et al., 2022). Assim, elaborou-se o seguinte objetivo: analisar pela literatura a influência do docente no ensino da segurança do paciente na graduação em enfermagem na perspectiva da cultura de segurança do paciente.

2. METODOLOGIA

O presente estudo refere-se a uma revisão narrativa da literatura. As pesquisas bibliográficas em enfermagem foram obtidas a partir de buscas nas bibliotecas virtuais: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO e PubMed em agosto de 2024. Utilizou-se na estratégia de busca as seguintes palavras-chaves: Segurança do Paciente/Patient Safety; Enfermagem/Nursing; Ensino/ Education; Graduação; Docente/ Faculty.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documento de referência para o Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP), publicado em 2014, afirma a necessidade de reavaliação curricular periódica e atualização dos projetos pedagógicos (PP) das instituições de ensino

superior (IES) (GOMES et al., 2022). Esta demanda emerge das transformações contemporâneas na educação e nos aspectos socioeconômicos, culturais, tecnológicos e políticos, e objetiva desenvolver competências profissionais coerentes com as recomendações nacionais para segurança do paciente e necessidades dos futuros enfermeiros, qualificando o cuidado em saúde.

Nesta perspectiva, a Organização Mundial da Saúde (OMS) implementou o *Patient safety curriculum guide: multiprofessional edition*, em 2011, um guia que orienta ações, métodos e bases fundamentais a serem contempladas nos planos pedagógicos dos cursos da área da saúde, no escopo de facilitar a aplicação da segurança do paciente no ensino, e consequentemente perpetuar a cultura (BEZERRIL et al., 2023; RIBEIRO et al., 2023; UCHÔA et al., 2023). Para esse fim, o guia da OMS aborda como competências a serem desenvolvidas pelas instituições de ensino, além da cultura de segurança, o trabalho em equipe, comunicação efetiva, gerenciamento de riscos, fatores ambientais e humanos e resposta aos eventos adversos (EA) (NORA et al., 2022). Dentre os temas a serem incluídos nos currículos de enfermagem para cumprimento dessas competências, destaca-se o reconhecimento da falibilidade humana em conjunto com a distinção dos fatores humanos e sistêmicos, em prol do aprendizado contínuo a partir dos erros para gestão de riscos (BERGS et al., 2021).

Considerando-se a influência das IES sobre a visão do cuidado e condutas interpessoais ou institucionais dos enfermeiros, o docente representa um canal de intermediação entre a tecnologia e o aluno, que perpassa desde o conteúdo a ser ensinado, até a demonstração de atitudes e postura perante a vida (GOMES et al., 2022). Entretanto, segundo proposições apuradas da revisão bibliográfica, a realidade do ensino da segurança do paciente perpassa desafios, devido ao substancial desconhecimento, tanto entre estudantes quanto entre professores e no regramento institucional (RIBEIRO et al., 2023).

De acordo com a literatura, apesar dos docentes reconhecerem que o ensino de boas práticas pelos protocolos de Segurança do Paciente inclusos na sistematização da assistência gera humanização e menores riscos e danos ao paciente, há resistência e/ou dificuldade em instruir o cuidado em saúde nestes moldes, em suma, considerando aspectos subjetivos inerentes ao processo de trabalho (GOMES et al., 2022; UCHÔA et al., 2023). Por exemplo, os educadores de enfermagem devem ensinar habilidades não técnicas, como comunicação e trabalho em equipe, a fim de mitigarem ameaças à segurança pela gestão eficaz (LEE; MORSE; KIM, 2022).

O estudo dos fatores humanos reconhece as limitações do homem e o esclarecimento dos fatores sistêmicos aborda elementos interferentes do ambiente de trabalho, como sobrecarga e limitação de recursos, evidenciando o desfecho de que a estrutura influencia o comportamento dos indivíduos, os quais, mesmo capacitados, cometem erros em sistemas inseguros (ILHA et al., 2016). Esta percepção é construída com orientação do professor, baseio em opiniões individuais, formadas durante a graduação (ZUGNO et al., 2022).

A ausência destes aspectos socioculturais e sistêmicos dificulta o raciocínio ampliado e crítico dos estudantes e afeta a reformulação da visão global sobre segurança do paciente em relação a cultura da culpa, modelos de segurança, eventos adversos, custos humanos e econômicos, ambiente de trabalho, aprendizado baseado na falha e notificação de erros (RIBEIRO et al., 2023).

Nesta perspectiva, de acordo com os docentes, as disciplinas em que este tema emerge são majoritariamente teóricas, como disciplinas de saúde do adulto, da

criança, da mulher, do idoso e de semiologia e disciplinas de supervisão de estágios em rede hospitalar e atenção básica (UCHÔA et al., 2023). Este dado comprova que o processo de ensino de enfermagem, enfatiza práticas clínicas individuais, habilidades técnicas e resolução de problemas, num marco de erros e acertos de base técnico-científica, e pouco valoriza a os significados subjetivos e as experiências pessoais dos estudantes (GOMES et al., 2022; LEE; MORSE; KIM, 2022).

Para superar esta realidade, a implementação de novas metodologias de aprendizagem, aquém do tradicional, fortalecem o aspecto teórico científico em uma visão ampliada e crítica, envolvendo de forma ativa os estudantes na resolução de problemas, proporcionando habilidades na identificação e gestão de riscos e formando profissionais críticos e reflexivos, versados na análise ampliada do erro, confiantes em seu papel na interceptação com foco na causa e comprometidos com a notificação dos incidentes, como forma de prevenção (ILHA et al., 2016).

Todavia, apesar dos docentes de enfermagem relatarem estratégias de ensino corroborativas às propostas pelo Guia da OMS, o gerenciamento de risco não é trabalhado durante a formação, pois acadêmicos assumiram muita insegurança para atuar diante da ocorrência de um evento adverso e relataram medo, inerente à cultura de segurança negativa, como impedimento para a comunicação dos erros e notificação, mesmo cientes das implicações destas iniciativas para o planejamento da prevenção de incidentes (UCHÔA et al., 2023; ZUGNO et al., 2022).

Em relação a estas problemáticas, é possível analisar que o PNSP foi estabelecido apenas em 2013, a disponibilização de um guia multiprofissional para a formatação do currículo de segurança do paciente pela OMS ocorreu a mais de uma década e que prevalecem currículos não atualizados, que desencontram as competências do guia (LEE; MORSE; KIM, 2022).

Para tanto, os professores de enfermagem, muitas vezes, não identificam a ocorrência de erros na formação, não validam a notificação, são resistentes à abordagem do tema e despreparados para instruir sobre a segurança do paciente, em partes, pelo desconforto atrelado ao desconhecimento e pelo fato de seu próprio processo de ensino ter sido defasado, pela ausência de oferta educativa por parte da instituição de saúde do profissional ou por desinteresse ou resistência particular, caracterizando uma falha no seguimento de formação e más implicações nas atividades laborais (NORA et al., 2022; ZUGNO et al., 2022).

Por tanto, é responsabilidade do docente buscar inovação, atualização e aprendizagem contínua sobre o tema e é dever das instituições fornecer subsídios para a capacitação dos profissionais (UCHÔA et al., 2023).

4. CONCLUSÕES

A análise de fontes bibliográficas dispôs informações significativas acerca do ensino da segurança do paciente, determinando o papel do docente, na perspectiva da cultura de segurança do paciente. Desse modo, problematiza-se a não disseminação do conceito cultura de segurança do paciente entre os docentes e para os alunos, a escassez de estudos avaliativos desta cultura entre os docentes e poucos estudos relacionados à percepção dos docentes sobre a segurança do paciente. Por tanto, sugere-se a realização de outras pesquisas que avaliem a cultura de segurança do paciente entre os docentes de enfermagem, a fim de se entender a predição de alterações necessárias no ensino da graduação em prol da segurança do paciente na área da saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria N° 529, de 1 de abril de 2013**. Institui o Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP). Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

ROCHA, R. C. et al. Cultura de segurança do paciente em centros cirúrgicos: perspectivas da enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 55, 2021.

NORA, C. R. D. et al. Ética e segurança do paciente na formação em enfermagem. **Revista Bioética**, Brasília, v.30, n.3, p. 619-27, 2022.

ILHA, P. et al. Segurança do paciente na percepção de acadêmicos de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, [s. l.], v.21, p. 01-10, 2016.

GOMES, A. T. L. et al. Enseñanza de la seguridad del paciente en el grado de enfermeira. **Revista Cubana de Enfermería**, [s. l.], v.38, n.4, 2022.

RIBEIRO, G. et al. Biossegurança e segurança do paciente: visão de professores e estudantes de enfermagem. **Acta Paul Enfermagem**, [s. l.], v.36, p. 01-08, 2023.

BEZERRIL, M. S. et al. Ensino de segurança do paciente segundo as percepções e vivências de docentes de Enfermagem. **Revista baiana de enfermagem**, [s. l.], v.37, p. 01-11, 2023.

UCHÔA, F. I. A. et al. Percepção de docentes quanto ao ensino da segurança do paciente na graduação em enfermagem. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, [s. l.], v.12, n.1, 2023.

ZUGNO, R. M. et al. Competências de segurança do paciente na educação: percepções de graduandos em enfermagem e medicina. **Revista baiana de enfermagem**, [s. l.], v.36, 2022.

BERGS, J. et al. Translation and validation of the Dutch version of the health professional education in patient safety survey amongst nursing students in Belgium: A psychometric analysis. **PLoS ONE**, [s. l.], v.16, n.3, p. e0247869, 2021.

LEE, S. E.; MORSE, B. L.; KIM, N. W. Patient safety educational interventions: A systematic review with recommendations for nurse educators. **Nursing Open**, [s. l.], v.9, n.4, p. 1967–1979, 2022.